



# Reconexão, identidade e memória: processo de construção e materialização da memória do Brás

**Reconnection, identity, and memory: the process of construction and materialization of the memory of Brás**

Marina Longo Parsekian<sup>1</sup>

## Resumo

No presente artigo, relato meu processo de pesquisa iniciado a partir da realização de um trabalho para uma disciplina optativa intitulada Espaço Urbano, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, no qual foi discutida a precariedade dos espaços públicos próximos às antigas áreas industriais do bairro do Brás, na cidade de São Paulo. Tal temática está sendo retomada e mais aprofundada no meu trabalho de conclusão de curso, intitulado “Percurso no Brás: reconexão, identidade e memória”. Procuro neste relato retratar como esta pesquisa transformou-se em uma intervenção projetual arquitetônica para a região, e como se deu o processo de construção do objeto de estudo do trabalho final de graduação.

**Palavras-chave:** Memória; Identidade; Urbanismo; Ressignificação.

## Abstract

This present article is a report on my research, which started with the completion of a work for an optional subject, entitled Urban Space, at the Faculty of Architecture of University Mackenzie. In this work, I discussed the precariousness of public spaces near the old industrial areas of the Brás district in the city of São Paulo. This theme is being further developed in my present work for the conclusion of the course, entitled “Route in Brás: Reconnection, identity, and memory.” In this report, I show how my research became an architectural design intervention for the region, and how the process of building my object of study for the final graduation work took place.

**Keyword:** Memory; Identity; Urbanism; Resignification.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.



## 1. Introdução

O tema da memória, desde o início da minha formação acadêmica na Universidade, sempre despertou interesse. Muito me chamava atenção como a cidade pode trazer à tona uma diversidade infinita de histórias contidas em seus espaços construídos e não-construídos. As paisagens da metrópole paulista contêm fragmentos do cotidiano individual e coletivo nas “personagens” que a residem, daí advindo a importância da preservação desses “cenários” para a manutenção da identidade desse conjunto de pessoas.

As marcas deixadas por um determinado modo de vida num tempo histórico se encontram na cidade, como Italo Calvino demonstrou, em sua obra “As cidades invisíveis”, descrevendo as cidades pelas quais Marco Polo percorreu. Quando o personagem chega até a cidade de “Zaira” discorre sobre a importância das marcas do tempo na constituição da identidade do espaço.

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que refluí das recordações e se dilata. (...). Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras cada segmento riscado por arranhões, serradas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 1972, p. 14).

Dessa sorte, a memória é um elemento importante na constituição da identidade individual e coletiva. Há, do mesmo modo, uma interligação entre memória material e imaterial. A memória material diz respeito aos monumentos, às construções, às casas, ruas, edifícios, objetos e, assim por diante. A memória imaterial reporta-se aos símbolos, valores, imagens, sons, sabores, sentidos, etc. Segundo Halbwachs (1990, p. 132-133),

De fato, as formas dos objetos que nos cercam têm muito esta significação. Não estávamos errados em dizer que estão em torno de nós como uma sociedade muda e imóvel. Se não falam, entretanto os compreendemos, já que têm sentido que deciframos familiarmente. Imóveis, apenas o são aparentemente, já que as preferências e os hábitos sociais se transformam e se nos cansamos de um móvel ou de um quarto, é como se os próprios objetos envelhecessem [...] Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem. Ele se fecha no quadro que construiu. [...] As imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva.

A partir das reflexões acima, apresento nos próximos parágrafos como ocorreu o desenvolvimento da temática da memória durante alguns períodos da minha trajetória na faculdade de arquitetura, até o ponto de tornar-se tema do meu trabalho final de graduação e transfigurar-se em uma proposta projetual. Constitui-se de um percurso linear no bairro do Brás, que passa por pontos históricos que contribuíram para a formação da memória coletiva do local e reconecta duas partes da localidade segregadas pela barreira urbana dos trilhos. Procurou-se, assim, evidenciar tais fragmentos da memória material do bairro, estabelecendo uma relação de maior identificação entre os moradores locais e a paisagem urbana construída.

## 2. Vila Itororó

Meu interesse pela temática ocorreu durante do curso de Arquitetura e Urbanismo, em que tive contato, a partir da escrita de um artigo, com o projeto de restauro de um antigo casarão que servia como cortiço no bairro do Bexiga, a Vila Itororó. Tal projeto começou a partir de 2006, ano em que o conjunto foi declarado como área de utilidade pública pelo poder público, com o objetivo de ser transformado em um centro cultural e gastronômico (VILA TORORÓ, s/d).

Em 2011, iniciou-se o processo de despejo das famílias visando explorar o potencial econômico-



cultural que a Vila poderia proporcionar. Esta decisão foi questionada por diversos grupos e entidades devido seu caráter mercadológico (VIOTTO *et al.*, 2008). Ou seja, para que haja a manutenção do espaço é preciso que seja explorada economicamente, seguindo as lógicas do capital financeiro. Sendo assim, as atividades realizadas no local não levaram em conta a pré-existência da cultura, memória e identidade que ali estava instaurada, como relatado no trecho a seguir:

A ideia de cultura inserida nesse projeto é a de uma cultura voltada exclusivamente para uma lógica mercadológica, que se torna evidente quando o projeto estabelece como um dos seus objetivos a auto-sustentabilidade e, até mais, que ele seja rentável economicamente. Isso significa que a cultura produzida nesse espaço deverá atender aos interesses do mercado, pois só assim ela será consumida e trará lucros aos seus investidores. Essa concepção de cultura enquanto “produto trocável por dinheiro e que deve ser consumido como se consome qualquer coisa” pode ser denominada “cultura de massas”, cujas origens históricas remontam à Revolução Industrial e o surgimento de uma economia de mercado (VIOTTO *et al.*, 2008, p. 4).

Outro questionamento está relacionado ao uso que será dado ao local. A questão habitacional foi desconsiderada na medida em que o âmbito econômico-cultural foi estabelecido como prioritário, não havendo diálogo entre essas duas partes.

Segundo Viotto (2008), a retirada dos moradores sugere que estes não têm sua importância para a história do bairro Bela Vista, sendo que, na realidade, eles são os principais protagonistas desse processo cultural. Durante o evento de abertura do “II Encontro Paulista de Museus”, no Auditório Simon Bolívar em São Paulo, em junho de 2010, Carlos Augusto Calil fez o seguinte questionamento:

[...] queria dizer que uma das coisas que mais me aborrece como Secretário de Cultura é ver gente, até com a melhor intenção, dizer assim: ‘tem um casarão velho lá não sei onde, vamos fazer um museu’. Por que um casarão velho tem que virar museu ou centro cultural? Quem disse que casarão velho é um bom lugar pra ter museu ou centro cultural? É uma solução pra um problema que ninguém consegue resolver. Uso de prédios históricos é uma das ciências mais ocultas que eu conheço. É preciso descobrir a vocação daquele espaço porque ele fala. É só lhe dar ouvidos que ele diz o que ele é, ele diz o que ele pode ser. Não pode ser inevitavelmente centro cultural ou museu. Mete lá umas velharias, põe o nome da mãe do prefeito e temos um museu na cidade. Não é isso que a gente deseja (ROLNIK, 2010).

A fala do secretário da Cultura evidencia a falta de capacitação em solucionar questões que envolvem o âmbito dos edifícios históricos em mau estado de conservação.

Levando-se em conta a realidade de outro país, pode-se citar a cidade de Lisboa, em Portugal, onde os bairros de Alfama, Mouraria e o Bairro Alto, situados no centro da cidade são exemplos de efetiva recuperação do patrimônio edificado. Constata-se que aí houve permanência da população residente a partir de mecanismos financeiros e sociais, como relataram Lima e Maleque (2004, p. 14):

Observa-se, em Lisboa, que a grande preocupação da Câmara Municipal com referência aos centros históricos não é restaurar os grandes monumentos, [...] mas reabilitar os espaços de moradia e do comércio desqualificado, reconstruindo internamente muitas edificações, renovando algumas delas, porém, antes de tudo, impedindo a remoção das famílias das áreas que sempre habitaram os bairros mais antigos.

Com base nessas reflexões, a definição do objetivo geral da pesquisa foi analisar o âmbito dos impactos provocados pela restauração da Vila Itororó no entorno imediato, visto que, em decorrência destas medidas, seu tipo de uso foi modificado, pois era anteriormente apenas residencial. A pesquisa objetivou também contribuir para que futuros processos semelhantes pudessem ser realizados segundo outras óticas, que não apenas aquelas orientadas pelos fins mercadológicos.

Definidos os objetivos e a metodologia, o próximo passo foi a visita até à área, que ocorreu no mês de março, em 2016. O canteiro de obras encontrava-se livre para visitação e foi possível registrar o estado do processo de restauro da edificação. Os funcionários ali presentes pouco sabiam acerca da destinação que seria dada ao antigo casarão. Todavia, os moradores das redondezas deram



ênfase ao processo de despejamento das famílias que residiam no cortiço. Segundo os mesmos, estas foram realocadas para diversas regiões distantes de São Paulo, perdendo sua moradia com localização privilegiada, já que o bairro do Bixiga se encontra próximo a diversos equipamentos públicos, comércios, serviços e transporte público.

Esse primeiro contato com uma pesquisa empírica, embora tenha sido realizado de forma preliminar e pouco aprofundada, foi de suma importância para o delineamento dos próximos passos de minhas reflexões, enquanto arquiteta urbanista, buscando entender os espaços enquanto quadros sociais, portadores da combinação de memórias individuais, habitados por pessoas que vivem no presente e também por aquelas que deixaram suas marcas nas ruas, casas, edifícios, etc.

Em “A Memória Coletiva”, Halbwachs (2013) aborda a relação entre espacialidade e a construção de identidade. Para o sociólogo, as memórias, em sua maioria, estão atreladas à espaços físicos por estes possuírem uma característica de permanência no tempo. Seguindo este raciocínio, o processo de restauro da Vila Itororó também significa o apagamento da memória coletiva dos antigos moradores do cortiço, contida no espaço construído. Transforma-se, assim, em um ambiente não mais comunicante, descaracterizado de sua identidade por aqueles que originalmente o vivenciaram.

### 3. Cortiços do Brás

Outro projeto no qual tive oportunidade de participar durante minha graduação foi uma intervenção urbana para a região do bairro do Brás, área próxima ao centro histórico de São Paulo. Diante de uma região tão extensa, o primeiro passo foi demarcar um recorte segundo uma diretriz específica. Após a análise dos mapas temáticos do bairro - como uso do solo, densidade demográfica, áreas de vulnerabilidade social, localização de equipamentos e transporte público -, duas características me chamaram atenção: o estado de abandono em que os antigos galpões industriais se encontravam e a grande quantidade de cortiços espalhados por toda a região.

Esses dois aspectos auxiliaram-me a definir a área foco do projeto proposto, próxima ao Largo da Concórdia, que abriga a maior quantidade de cortiços e galpões abandonados da região. É fundamental compreendermos a importância da moradia e a relação com a construção da identidade, como nos mostra Fabio Knoll em seu livro “cortiços: a experiência de São Paulo”, a seguir:

Projetamos no espaço da casa, nossa realidade interior, nossas memórias, nossa história, nossos sonhos e o que deles não foi possível realizar. Está tudo ali, nesse espaço imediato ao corpo: abrigo do Eu que se torna nosso centro de referência e de identidade, e a medida de nossa relação com o mundo lá fora (KNOLL, 2010, p. 2).

A partir dessa ótica é possível atestar a importância da moradia para a construção da nossa própria interioridade. Voltando o olhar para as crianças moradoras de cortiço, a preocupação girou em torno de acrescentar a seus cotidianos um maior contato com outros referenciais de espacialidade, proporcionando-lhes um maior contato com a leitura, escrita e a arte.

Nesse sentido, analisando os espaços públicos próximos aos cortiços, que muitas vezes também sofrem um processo de deterioração, o objetivo do projeto foi o de criar um espaço identitário para estas crianças que funcionasse como uma extensão de suas casas.

Otilia Arantes (1995), em seu livro “O lugar da arquitetura depois dos modernos” discute a importância do espaço público, especialmente o das praças, e como sua relevância foi se perdendo ao longo do tempo. As praças da antiguidade eram vitais para a vida pública e tinham caráter identitário em relação à população. Seguindo essa lógica, a retomada da valorização do espaço público também significa evidenciar a identidade local.

Tais reflexões guiaram minha escolha projetual, voltada para a constituição de uma biblioteca pública voltada para o público mais jovem próxima à região de moradias precárias. A intencionalidade



foi de originar maior proximidade e identificação da população em relação ao espaço público, trazendo aos moradores a sensação de pertencimento ao bairro.

Após o término do projeto, a sensação que permaneceu foi a de que o assunto ainda poderia ser explorado e aprofundado de outras maneiras. Assim sendo, o projeto realizado funcionou como ponto de partida para a escolha da temática da minha monografia<sup>2</sup>, iniciada durante o nono semestre do curso.

## 4. Reconexão, identidade e memória

O projeto, localizado no bairro do Brás (Figura 1), começou primeiramente a ser pensado a partir de um estudo da área escolhida e não de um programa arquitetônico específico. O interesse pelo Brás ocorreu, principalmente, por conta de suas inúmeras complexidades, contradições e diversidades, características que trazem ao lugar um caráter que o destaca dentre os bairros de São Paulo e que, todavia, recentemente sofre com um processo de descaracterização e esvaziamento em decorrência do deslocamento das indústrias para áreas mais afastadas de São Paulo com terrenos de menor custo. De acordo com Rolnik (2002), o município de São Paulo reduziu sua participação industrial em relação ao estado de 36% em 1980 para 22% em 1990. Segundo a autora:

[...] nos anos 1960 se viam os primeiros sinais de esvaziamento de bairros centrais que, até os anos 1930, foram superpovoados: Belenzinho, Brás e Mooca mantinham suas grandes plantas fabris e tinham suas ruas dominadas pelo comércio (ROLNIK, 2002, p.46).

**Figura 1: Mapa da localização do bairro do Brás (em vermelho) na cidade de São Paulo em relação ao centro histórico e a Avenida Paulista. Sem escala. Os traçados amarelos representam as linhas de metrô e trem**



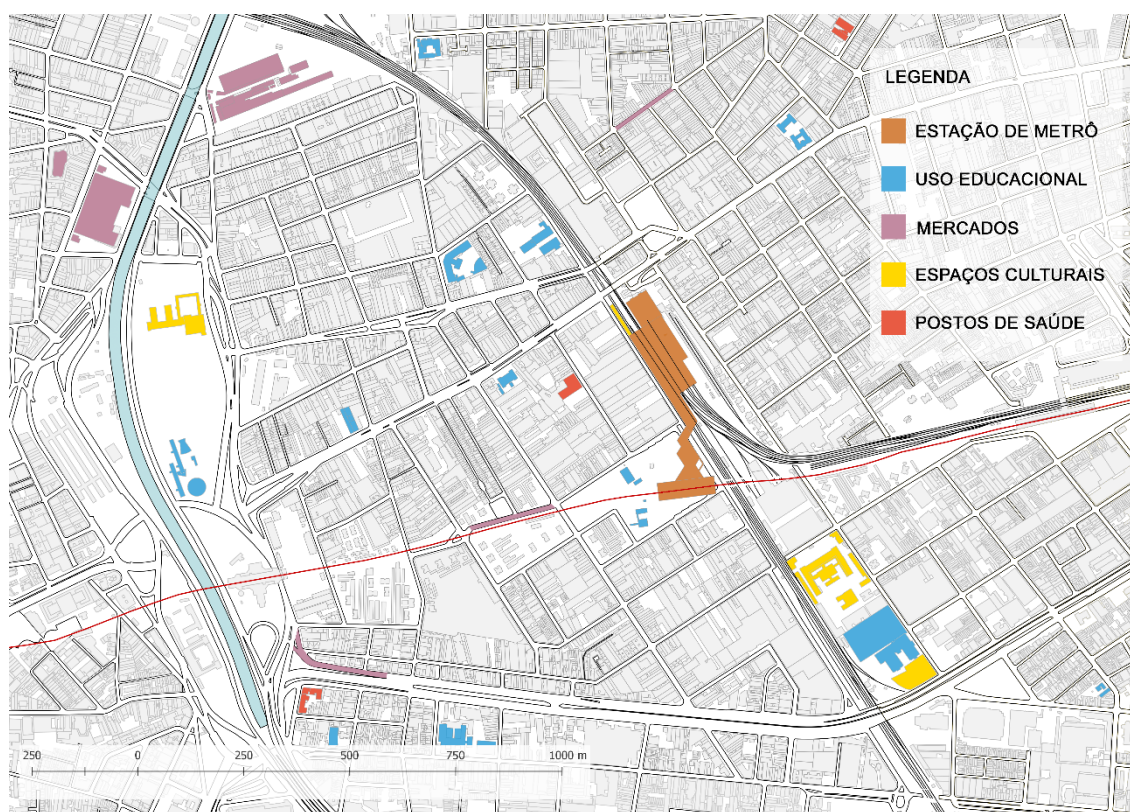
**Fonte:** Elaborado a partir de SÃO PAULO (Município), s/d. Elaboração final da autora.

<sup>2</sup> Monografia em andamento sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Luciana Monzillo de Oliveira.



Escolhido o bairro a ser trabalhado, o segundo passo foi fazer um recorte de uma área de interesse a partir de uma problemática específica, tarefa de certa complexidade vistas às inúmeras possibilidades temáticas que a região proporciona. Até que, em certo momento, ao estudar as edificações em destaque presentes na localidade (Figura 2), chamou-me a atenção o ponto em que o Museu da Imigração estava inserido. Sua proximidade aos trilhos da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) e à linha aérea do metrô, dois elementos que funcionam como barreiras lineares para pedestres, o isolam do contexto urbano, dificultando seu acesso para potenciais usuários.

**Figura 2: Mapa de equipamentos públicos**



Fonte: SÃO PAULO (Município), s/d. Elaboração final da autora.

Uma simulação no Google Maps de trajetos a pé originários da estação Brás até o Museu da Imigração (Figura 3) apresenta dois resultados, ambos com mais de 2 quilômetros de caminhada, devido à falta de transposições disponíveis para a travessia dos trilhos. Isso comprova a situação de segregação do equipamento, visto que, a distância linear da estação até o museu é de aproximadamente 700 metros.



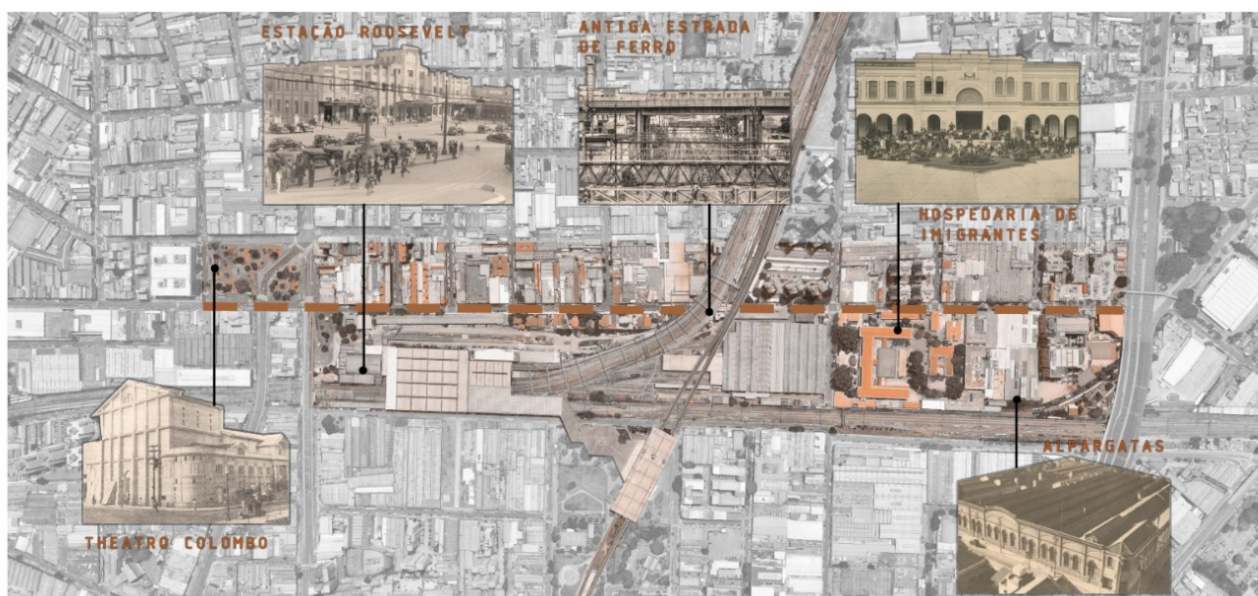
**Figura 3: Mapa de trajetos a pé da estação de metrô Brás (ao norte, em vermelho) até o Museu da imigração (ao sul, em vermelho)**



Fonte: SÃO PAULO (Município), s/d. Elaboração final da autora.

Diante da relevância do Museu da Imigração no processo de formação do bairro, que ainda hoje acolhe e serve de moradia para imigrantes e refugiados, a proposta projetual constituiu-se de um percurso linear ligando o Largo da Concordia até o Museu, a partir do qual fosse possível reconectar duas regiões do Brás separadas pelas barreiras físicas do trem e do metrô e, dessa forma, estabelecer uma relação mais próxima dos moradores locais com o Museu. Tal percurso também levou em conta outros pontos históricos importantes presentes na região (Figura 4) que foram evidenciados posteriormente na proposta projetual, com o objetivo de retomada à memória afetiva do bairro.

**Figura 4: Mapa da localização dos principais pontos históricos do bairro**



Fonte: Base do Google Maps. Elaboração final da autora.

Escolhida a temática projetual, o próximo passo foi o levantamento de dados teóricos para a escrita da monografia e a visita em campo da região escolhida. Tal visita foi feita em dois momentos diferentes, ambos a partir das 15h: um dia útil da semana e um domingo, período em que os comércios não funcionam. O primeiro dia de visita se mostrou muito movimentado. A circulação de pessoas e carros próxima ao Largo da Concordia é intensa e há diversos comerciantes informais trabalhando

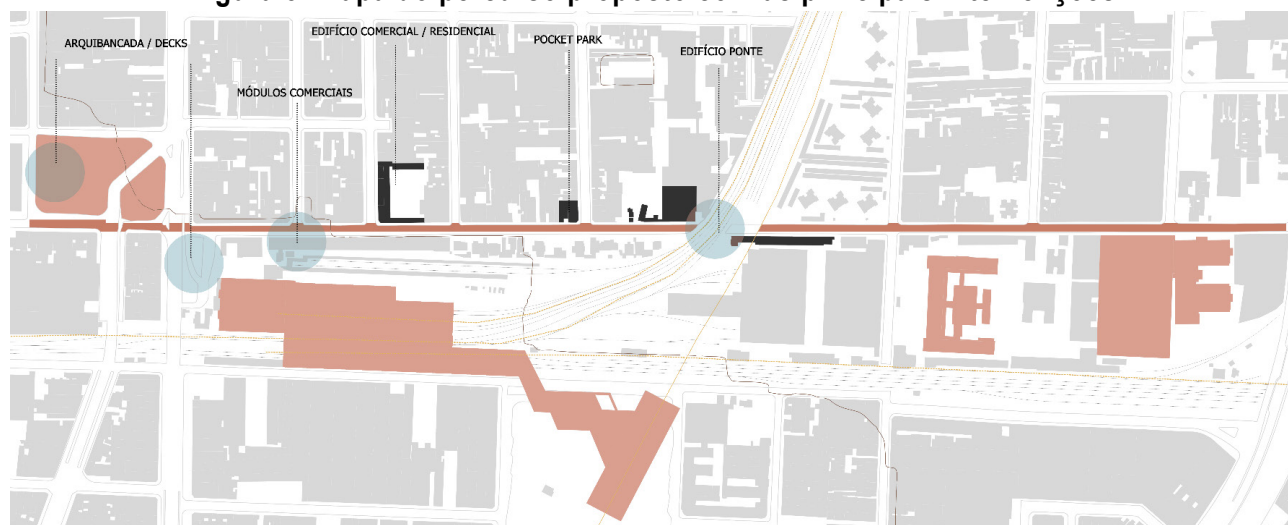


nas calçadas perpendiculares aos comércios. Todavia, o segundo dia de visita se mostrou totalmente contrastante com o que foi retratado anteriormente.

Grande parte dos transeuntes ali presentes eram imigrantes e refugiados em sua realidade cotidiana, fato constatado pela diversidade de idiomas falados por eles. Os estabelecimentos abertos eram pequenas padarias e restaurantes, repletos de indivíduos de diversas nacionalidades. Tal diversidade ressalta a importância da conexão dos moradores do bairro com o Museu, cujo acervo, composto por fotografias, cartas, cartografias, jornais e listas de bordo, conta a história do processo imigração no estado de São Paulo, temática que dialoga diretamente com a realidade por eles vivenciada. Contemporaneamente, o Museu também realiza exposições temporárias sobre os fluxos migratórios recentes presentes no Brasil.

O projeto urbano do percurso começou a ser pensado a partir de um estudo das potenciais áreas que poderiam abrigar as intervenções (Figura 5). Esse estudo levou ao plano definitivo (Figura 6) que contou com pequenas intervenções que não agredissem a paisagem existente, pelo contrário, o plano objetivou ressaltar os pontos históricos e preexistências, preservando a identidade do espaço construído e dialogando com o imaginário dos moradores que o vivenciam no cotidiano. O Largo da Concórdia recebeu uma estrutura modular removível de madeira para que pudesse servir como ponto de encontro e permanência; ao longo de todo o percurso foram propostos pequenos quiosques modulares, também desmontáveis, que pudessem ser apropriados pelos comerciantes informais, ressaltando uma atividade local que já acontece no bairro; no estacionamento foi proposta uma praça de pequena escala, funcionando como um respiro dentre os prédios.

**Figura 5: Mapa do percurso proposto com as principais intervenções**



Fonte: SÃO PAULO (Município), s/d. Elaboração final da autora.

**Figura 6: Projeto urbano proposto**



Fonte: SÃO PAULO (Município), s/d. Elaboração final da autora.





Para realizar esta “costura” urbana entre dois territórios segregados pelos trilhos, foi proposto um projeto de edifício ponte (Figura 6), que servisse de anexo ao Museu da Imigração e contivesse espaços de apoio aos imigrantes e refugiados residentes do bairro. Este se utilizou da materialidade e referencial das antigas fábricas, conseguindo assim se mesclar à paisagem do bairro.

**Figura 7: Imagem tridimensional do projeto finalizado**



**Fonte:** Elaboração da autora.

A partir das reflexões apresentadas, o projeto proposto no meu trabalho final de graduação é uma forma de materialização do referencial teórico que utilizei durante o curso. Este fato reforça o lugar da arquitetura enquanto uma disciplina multidisciplinar que dialoga com diversas frentes do conhecimento. A abordagem teórica auxiliou o projeto a tomar-se mais próximo da realidade preexistente da região e dialogar com os futuros usuários do equipamento proposto.

O edifício ponte é uma síntese de todo o processo descrito anteriormente: não apenas interliga materialmente dois pontos segregados do Brás, facilitando o caminhar na cidade, mas também tem o intuito de reconectar a população que reside na região com a identidade do bairro e sua história, reconhecendo-se como pertencentes dessa paisagem urbana construída que tanto se modificou nos últimos tempos.

## 5. Algumas considerações finais

Em se tratando de um projeto em execução, podemos apontar algumas considerações. Como coloca Lefebvre (2001) o projeto urbano é, na realidade, um contínuo processo de pesquisa, muitas vezes inesgotável, que envolve métodos complexos de construção e reconstrução. Meu intento foi o de apresentar um relato sucinto sobre as minhas primeiras experiências de pesquisa. Assim sendo, iniciei pelas impressões sobre a Vila Iitororó que, na verdade, representou-me uma espécie de farol/guia para eu descobrir o bairro do Brás e, logo em seguida, o Museu da Imigração.

O percurso realizado se inspirou nos moldes daquilo que Lefebvre (2001) considera como direito à cidade. O projeto se contrapõe ao modelo de urbanismo “arrasta quarteirão” proposto por Haussmann em Paris, nos meados do século XIX, que devastou regiões inteiras da cidade medieval, substituindo-as por largas avenidas e bulevares. A ideia não é reconstruir uma parte da cidade transformando-a em algo novo, mas sim se apropriar de elementos preexistentes na paisagem e readaptá-los à uma nova realidade suscetível às mudanças. Para Lefebvre (2001, p.117 – grifos da autora), “O direito a cidade não pode ser concebido como



um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada”. Nesse sentido, o direito à vida remete à apropriação da cidade, segundo o autor:

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar, o direito à obra (à atividade participante e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade (LEFEBVRE, 2001, p. 135).

Portanto, o acontecer do ato de apropriação remete ao direito e também ao pertencimento. Pretendo, caminhar por esta trilha do ato de apropriação/pertencimento por meio do aprofundamento teórico de Lefebvre e outros autores.

É uma forma de ir na contramão da desmemória ou, até mesmo, do memoricídio (BEIGUELMAN, 2019, p. 216), neologismo criado em 1991 pelo croata Mirko Grmek, que significa a tentativa de apagamento da história e cultura de um povo em um determinado território.

## 6. Referências bibliográficas

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. Edusp, 1995.

BEIGUELMAN, Giselle. **Memória da Amnésia. Da cidade interativa às memórias corrompidas**. São Paulo: Editora Sesc, 2016.

CALVINO, Italo. **Cidades invisíveis**. São Paulo: Biblioteca Folha, 1990.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck; MALEQUE, Miria Roseira. **Cultura, Patrimônio e Habitação: possibilidades e modelos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

LÓPEZ, Alonso; FRANÇA, Elisabete; COSTA, Keila Prado; Knoll, FABIO. Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano - SEHAB. **Cortiços: A experiência de São Paulo**. São Paulo: 2010

NADALUTTI, Luiza. **Entre valores de uso e de troca: a função social da Vila Itooró na cidade de São Paulo**. São Paulo. Trabalhos finais da disciplina história do urbanismo contemporâneo. FAU-USP, p. 167, 2014.

ROLNIK, Raquel. **São Paulo**. Coleção Folha Explica. 2001.

\_\_\_\_\_. Moradores da Vila Itooró exigem garantia do direito à moradia e cobram diálogo do poder público. **Blog da Raquel Rolnik**. 10 out. 2010. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/10/14/moradores-da-vila-itororo-exigem-garantia-do-direito-a-moradia-e-cobram-dialogo-do-poder-publico/>. Acesso em 3 abr. 2020.



---

VILA TORORÓ. Quem somos. **Vila Tororó**, São Paulo, s/d. Quem somos. Disponível em: <http://vilaitororo.org.br/quem-somos>. Acesso em: 2 nov. 2016.

VIOTTO, Aline *et al.* Vila Itororó: direito à cultura como ameaça ao direito à moradia? In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO URBANÍSTICO**, 5., 2008, Manaus. Anais... São Paulo: USP, 2008. p. 187 - 200.

Data de submissão do artigo: 28/02/2020

Data da decisão editorial: 23/03/2020